



Marcelo sai de cena: o fim de uma presidência teatral

Publicado em 2026-03-09 11:34:05



BOX DE FACTOS

- Marcelo Rebelo de Sousa termina hoje, 9 de Março de 2026, dez anos em Belém.
- António José Seguro toma posse como 21.º Presidente da República.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- A sua magistratura de influencia confundiu-se, muitas vezes, com uma lógica de comentário permanente e encenação política.
- O país teve um Presidente próximo, activo e popular — mas também excessivamente presente, excessivamente cénico e por vezes excessivamente leve para a gravidade do cargo.

Marcelo sai de cena: o fim de uma presidência teatral

Cai hoje o pano sobre uma das presidências mais mediáticas, mais performativas e mais cénicas da democracia portuguesa. Belém volta a ter Presidente. O palco é que, talvez por hábito, ainda resista a apagar as luzes.

Hoje termina o mandato de Marcelo Rebelo de Sousa. E com ele encerra-se uma década singular da vida política portuguesa: a década em que a Presidência da República deixou muitas vezes de parecer apenas a cúpula serena do

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Marcelo não foi um Presidente apagado, frio ou distante. Pelo contrário. Foi talvez o mais tátil, o mais televisivo, o mais instantâneo e o mais visceralmente presente de todos os Presidentes da democracia. Tinha o comentário pronto, o gesto ensaiado pela intuição, a empatia rápida, o abraço fácil, a frase com efeito, o corpo sempre em movimento no espaço público. Sabia estar. Sabia chegar. Sabia aparecer. E nisso, reconheça-se, foi brilhante.

Mas é precisamente aí que começa também o problema. Porque a Presidência da República não é apenas presença. É distância. Não é apenas contacto. É contenção. Não é apenas visibilidade. É gravidade. E ao longo destes dez anos, Marcelo pareceu demasiadas vezes preferir o brilho da proximidade ao peso da reserva, a agilidade do comentador ao silêncio ponderado do árbitro institucional.

Um Presidente em permanente emissão

Marcelo trouxe para Belém algo que dominava como poucos: a lógica da comunicação contínua. Nunca abandonou por completo o seu instinto de professor mediático, de analista político de serviço, de intérprete público do regime. Em vez de se recolher à altitude simbólica do cargo, muitas vezes desceu à espuma da actualidade e nadou nela com prazer visível.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

crises, nas alegrias colectivas, nas praias, nas ruas, nas feiras, nos incêndios, nos afectos televisionados e nas pedagogias improvisadas. Marcelo transformou a Presidência num organismo hiperactivo, quase táctil, quase omnidireccional.

Isso deu-lhe capital político, sem dúvida. Deu-lhe popularidade. Deu-lhe a aura de Presidente próximo, presente, humano, caloroso. Mas também corroeu, pouco a pouco, uma certa ideia de solenidade republicana. O excesso de presença produz desgaste. A hiperexposição banaliza. E a Presidência, quando se torna presença corrente, corre o risco de perder o mistério institucional que também a protege.

Entre a magistratura de influência e a tentação da representação

Marcelo gostava de exercer influência. E fê-lo muitas vezes com habilidade. Percebia o ambiente político, lia os actores, captava o humor do país, media os passos, antecipava quedas, punha gelo onde havia febre e criava calor onde faltava alma. Tinha faro. Tinha elasticidade. Tinha um instinto político raro.

Mas a magistratura de influência, quando praticada sem disciplina de contenção, desliza facilmente para outra coisa: a tentação da representação. E foi aí que a presidência

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

repercussão — mais do que para preservar a densidade silenciosa do cargo.

O país precisava de um Presidente? Tinha-o. Mas tinha também, quase em simultâneo, um narrador residente da própria República. Alguém que não se limitava a simbolizar o Estado — frequentemente explicava-o, comentava-o, dramatizava-o e ocupava-o com a sua própria presença. Marcelo não era apenas Presidente. Era também, muitas vezes, a câmara, a legenda e a voz-off.

A política como afecto, a Presidência como espectáculo brando

Seria injusto negar-lhe qualidades humanas e políticas. Marcelo teve intuição, energia, rapidez de leitura, capacidade de comunicação e talento invulgar para captar o pulso emocional do país. Num sistema tantas vezes árido, soube parecer humano. Num regime frequentemente burocrático, soube parecer vivo. Num país cansado, soube oferecer calor.

Mas a política do afecto tem também armadilhas. Quando o gesto emocional substitui a densidade institucional, quando a proximidade se torna estratégia permanente e quando a visibilidade passa a ser quase condição de existência do cargo, a Presidência corre o risco de derivar

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O que talvez nem sempre tenha tido foi uma presidência de grande profundidade simbólica. Houve momentos de elevação, claro. Mas houve também demasiados episódios em que o cargo pareceu descer alguns degraus para caber melhor no ciclo mediático do dia.

O adeus de hoje

A saída de Marcelo tem, por isso, qualquer coisa de fim de espectáculo. Não um espectáculo ruidoso ou grotesco, mas uma longa peça nacional de presença contínua, onde o protagonista raramente aceitou ficar fora de foco. Mesmo nos últimos dias, a transição foi marcada por actos, declarações, rituais e imagens que confirmam aquilo que toda a sua presidência ensinou: Marcelo nunca soube, ou nunca quis, desaparecer discretamente.

E contudo, ao sair, deixa um contraste útil para o futuro. Recorda-nos que a Presidência pode ser mais do que comentário, mais do que presença, mais do que emoção em directo. Pode ser também reserva, contenção, altitude, pudor institucional e silêncio com densidade. Pode ser menos palco e mais farol.

António José Seguro entra hoje em Belém. Não lhe caberá apenas iniciar um novo mandato. Caber-lhe-á, em parte,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Epílogo

Marcelo Rebelo de Sousa ficará na memória colectiva como um Presidente popular, activo, afectivo e politicamente ágil. Mas também como o homem que levou a Presidência portuguesa até ao limite da hiperexposição e da teatralidade. Fez de Belém uma varanda permanente sobre a actualidade, e de si próprio a figura inevitável de quase todos os enquadramentos.

Talvez por isso a despedida de hoje tenha sabor duplo. Por um lado, sai um Presidente com enorme talento de comunicação e forte ligação emocional ao país. Por outro, fecha-se um ciclo em que a República viveu demasiadas vezes sob a lógica do gesto visível, do comentário pronto e da presença incessante.

E uma democracia adulta precisa, de tempos a tempos, de reaprender uma verdade simples: nem tudo o que está sempre em cena é, por isso, maior. Às vezes, a grandeza começa precisamente quando o palco encolhe.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

2026.

Presidência da República — nota oficial de 8 de Fevereiro de 2026, em que Marcelo Rebelo de Sousa felicita António José Seguro e assinala o início do novo mandato a 9 de Março.

Reuters e The Guardian — enquadramento da eleição presidencial de 2026, vitória de António José Seguro e transição entre mandatos.

Governo de Portugal — registo institucional dos actos finais de colaboração entre o Primeiro-Ministro e o Presidente cessante.

Francisco Gonçalves com a colaboração de Augustus Veritas e Aletheia Veritas

Fragmentos do Caos

Crónica editorial

Marcelo não sai apenas de Belém — sai de cena, deixando para trás uma Presidência que, demasiadas vezes, confundiu a dignidade do cargo com a arte de nunca abandonar o palco.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Leia o livro satírico: O Rei dos Abraços e das Ruínas



GitHub Pages



IPFS (IPNS)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

[Ebooks](#)

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)